SemeAd 2025
XXVIII Seminários em Administração

10, 11, 12, 13 e 14 de novembro de 2025
ISSN 2177-3866

Modos de Vida e Cotidianos na Economia Criativa: crenças e aprendizagens no organizar de Carranqueiros em Pirapora/MG

KELLY CRISTINE OLIVEIRA MEIRA

PABLO PERON DE PAULA
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MONTES CLAROS (UNIMONTES)

ARMINDO DOS SANTOS DE SOUSA TEODÓSIO
PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS (PUC MINAS)

Agradecimento à orgão de fomento:
Agradecemos à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG) pelo financiamento desta pesquisa.

MODOS DE VIDA E COTIDIANOS NA ECONOMIA CRIATIVA:
crenças e aprendizagens no organizar de Carranqueiros em Pirapora/MG

1. Introdução

As Carrancas, também conhecidas como figuras de proa e esculturas náuticas, são peças esculpidas em madeira nobre, barro ou pedra e tradicionalmente instaladas nas proas das embarcações. Segundo a crença dos barranqueiros, esses artefatos têm um papel protetor. Com origem por volta de 1875 no Rio São Francisco (Pardal, 1975), as Carrancas carregam uma herança cultural única da região. Além do simbolismo espiritual, hoje elas também são objetos de decoração, mantendo viva a arte, cultura e história de Pirapora-MG e do Rio São Francisco (Aragão; Aragão, 2022; Dantas, 2024).

Pardal (1975, p. 25) define carranca como "a denominação consagrada, no Brasil, para as figuras de proa das barcas do Rio São Francisco", evidenciando a singularidade das esculturas na região, característica reforçada, entre outros, por Brasil (2004, p. 78) ao apontar que "tais figuras constituem exemplo ímpar do mundo de esculturas de proa zooantropomorfas" e por Mammì (2015) que define as Carrancas do São Francisco como "a tradição mais original e talvez uma das mais impressionantes da arte popular brasileira".

Ao abordar o artesanato das Carrancas, Brasil (2004) aponta que elas são um retrato da cultura popular, apesar da impossibilidade de se definir limites e significado permanente ao termo 'cultura popular'. A autora ressalta que ao considerá-las como objeto de cultura popular, as Carrancas atuam como "instrumento que serve para nos auxiliar, evidenciar diferenças e contribuir para se observar a realidade social e cultural [...] do cotidiano ribeirinho." (Brasil, 2004, p. 77).

Para entender o contexto cultural e histórico dos Carranqueiros, é fundamental olhar para o ambiente que os cerca. O Rio São Francisco, com seus 2.863 km de extensão, percorre três regiões do Brasil (Nordeste, Sudeste e Centro-Oeste), seis estados (Minas Gerais, Goiás, Bahia, Pernambuco, Alagoas e Sergipe) e 505 municípios. Ele nasce na Serra da Canastra, em Minas Gerais, e deságua no Oceano Atlântico, na divisa entre Alagoas e Sergipe. Dos 1.670 km navegáveis na sua calha, 1.312 km estão entre Pirapora (MG) e Juazeiro (BA). Além de sua importância econômica e ecológica, o Rio São Francisco foi um caminho essencial para os indígenas da etnia Cariris, que, fugindo da invasão europeia no litoral e de outras tribos, desceram o rio e se estabeleceram na região que hoje corresponde à cidade de Pirapora, especialmente o centro da cidade, onde fica a Praça Cariris (CBHSF, 2025).

A navegação a vapor pelo São Francisco iniciou-se em 1871, com os primeiros vapores trafegando regularmente pelo arraial que, posteriormente, se tornaria a cidade de Pirapora em 1902. O arraial foi elevado à condição de cidade em 1912, sob o nome de São Gonçalo das Tabocas, e, em 1923, passou a chamar-se Pirapora, nome que mantém até hoje (Prefeitura de Pirapora, 2025). Atualmente, com uma população de 55.606 habitantes (IBGE, 2022), Pirapora preserva sua tradição e cultura por meio de festas religiosas, culinária e artesanato, destacando-se especialmente a produção das Carrancas.

Como apontado anteriormente, as Carrancas são definidas como figuras antropomórficas (Dantas, 2024), isto é, atribuição de características humanas a seres não humanos; ou, similarmente, como figuras zooantropomórficas (Brasil, 2004; Cortes; Vieira, 2019; Santos, 2016), isto é, combinam características humanas e de animais em uma única representação. Deste modo, as Carrancas podem ter características de leões, vampiros e lobisomens, e sua aparência varia a depender de fatores como o Carranqueiro: cujas inspirações são obtidas, por exemplo, da natureza e de outras artes; e o proprietário, já que as Carrancas

costumavam imitar as características dos donos dos barcos e hoje atendem às demandas dos consumidores (Brasil, 2004; Silva Jr., 2013).

A Economia Criativa define um campo no qual as pessoas criam e comercializam produtos e serviços que são frutos da criatividade e do talento individual e ou coletivo gerando valor econômico e cultural (Almeida; Dias; Santos, 2021; Jesus, 2020). Inserido no amplo setor da Economia Criativa, as formas de organizar dentro da chamada Economia Criativa são aqueles baseados na criatividade, na arte e na cultura. Nagao *et al*. (2021) ao realizar um estudo bibliométrico sobre a produção acadêmica das formas de organizar dentro da chamada Economia Criativa, observou uma tendência crescente do número de publicações com o auge ocorrendo em 2020, contudo, é necessário apontar que 2020 foi o último ano analizado pelos autores.

O trabalho dos Carranqueiros é um exemplo de forma de organizar dentro da chamada Economia Criativa, a capacidade de esculpir pedaços de madeira em figuras zooantropomórficas, além de preservar o conhecimento e ofício transmitido de pais para filho, fortalece a identidade cultural da região do São Francisco; são peças únicas uma vez que cada carranca possui estilo específico e é manualmente esculpida, um trabalho que pode requerer horas e até mesmo meses. As Carrancas expressam a arte, história e tradição dos barranqueiros de Pirapora-MG, em concordância com um dos papeis da Economia Criativa que é a valorização das identidades culturais a promoção do desenvolvimento sustentável e fortalecimento das relações sociais, para além da geração de emprego e renda (Paula; Sheen, 2025).

Embora exista uma literatura extensa sobre os Carranqueiros e as Carrancas do Rio São Francisco, os estudos centram-se, em sua maioria, nas áreas de história, ciências da religião, cultura, patrimônio e arte. Este estudo visa contribuir com os acadêmicos, e com o avanço das pesquisas, nos campos de administração e Economia Criativa ao abordar a lacuna referente ao ciclo de vida de formas de organização dentro da chamada Economia Criativa, focado no ofício de Carranqueiro da região de Pirapora-MG.

Como indicado, as Carrancas do São Francisco são únicas e originais, tornando os Carranqueiros que as produzem artistas extraordinários, guardiões de tradições e cultura. Entretanto, isso não se traduz em políticas públicas, reconhecimento e valorização dos artesãos que vivenciam o possível desaparecimento desse ofício devido ao descaso e desvalorização que acarretam no desinteresse das novas gerações em aprender a arte de esculpir Carrancas. Diante do apresentado, esta série de artigos almeja contribuir com os Carranqueiros ao reconhecer e valorizar suas trajetórias; com as políticas públicas e gestores de cultura produzindo conhecimento para embasar políticas de preservação e valorização dos Carranqueiros como ferramenta de desenvolvimento econômico. Por fim, esperamos contribuir com a sociedade em geral ao informar sobre este importante aspecto da cultura e identidade popular brasileira.

O presente artigo é fruto de uma agenda de investigação, desenvolvida uma rede de instituições, mobilizando diversos pesquisadores, que explora o ciclo de vida de formas de organização dentro da chamada Economia Criativa, com foco no ofício de Carranqueiros da região de Pirapora, Minas Gerais. O problema de pesquisa que norteia o presente trabalho é: como o ciclo de vida de formas de organizar dentro da chamada Economia Criativa se entrelaça com a história de vida dos Carranqueiros de Pirapora-MG, a partir da influência do contexto social e cultural?

Para isso, delimitou-se como objetivo geral investigar como o ciclo de vida das formas de organizar dos Carranqueiros de Pirapora-MG se entrelaça com sua história de vida, considerando a influência do contexto social e cultural. Como objetivos específicos, delimitou-se: identificar os fatores sociais e culturais que impactam o ciclo de vida do organizar dentro da chamada Economia Criativa; analisar o entrelaçamento do ciclo de vida do organizar e da trajetória pessoal dos Carranqueiros; explorar os significados emergentes da relação entre o

ofício criativo e a história de vida dos Carranqueiros; e aplicar a Teoria Fundamentada para a construção das categorias analíticas da pesquisa.

Aborda-se, neste artigo, a primeira fase do ciclo de vida dos Carranqueiros enquanto organizar: infância e formação pessoal. A pesquisa segue uma abordagem qualitativa baseada no método de história de vida, com o suporte da Teoria Fundamentada (G*round Theory*) para a construção de suas categorias analíticas e da teoria que emergiu dos dados.

Este artigo está organizado em introdução, na qual aborda-se o contexto social e histórico de Pirapora-MG, do Rio São Francisco, das Carrancas, do trabalho criativo e do ciclo de vida. Após isso, discutimos o Método de História Oral, a Teoria Fundamentada (*Ground Theory*) e os dados coletados. Na sessão de análise de dados discute-se os códigos que emergiram com a análise dos dados que foi realizada com o auxílio do software *Atlas.Ti*. Na quarta sessão são discutidas as redes de relações entre os códigos de diferentes níveis. Por fim, na conclusão os resultados gerais deste artigo e novas agendas de pesquisa são sistematizados.

2. Percurso Metodológico

Esta pesquisa segue uma abordagem qualitativa e hermenêutica, pois se trata da interpretação das experiências dos Carranqueiros enfatizando a subjetividade deles, assim como o contexto social e cultural (Jesus; Peixoto; Cunha, 1998; Ghedin, 2004). A coleta dos dados foi baseada no método história oral, uma vez que buscamos compreender as experiências individuais, explorando as memórias e a trajetória de vida, focando nas emoções, percepções e significados simbólicos dos entrevistados (Spindola; Santos, 2003; David, 2013).

A coleta dos dados foi realizada *in loco*, na oficina dos Carranqueiros, em suas casas ou ateliês, e foi solicitado que eles levassem documentos e fotos para complementar a narrativa. Foram realizadas entrevistas guiadas por roteiro semiestruturado e gravadas em audiovisual, foram entrevistados quatro Carranqueiros e uma carranqueira e a duração das entrevistas variou entre 35 e 47 minutos.

A Carranqueira 1 foi entrevistada em sua oficina na cidade de Pirapora - MG. Carranqueira 1 mora na cidade desde os 3 anos de idade quando se mudou com os pais, vindo de São Romão, ela trabalha com Carrancas desde os 8 anos de idade e no dia da entrevista estava com 54 anos, portanto, tem trabalhado produzindo Carrancas há 46 anos. A entrevista de Carranqueira 1 teve duração de 37 minutos e 44 segundos.

O Carranqueiro 2 também foi entrevistado em sua oficina no dia 20 de abril de 2024 na cidade de Pirapora. Carranqueiro 2 nasceu em Pirapora e trabalha com Carrancas desde os 10 anos de idade aproximadamente. A entrevista de Carranqueiro 2 durou 35 minutos e 6 segundos. O Carranqueiro 3 foi entrevistado em sua oficina no dia 24 de abril de 2024 em Pirapora, Carranqueiro 3 começou a esculpir ainda na infância e a primeira carranca foi esculpida aos 10 anos de idade. A entrevista de Carranqueiro 3 durou 40 minutos e 3 segundos.

O Carranqueiro 4, assim como os demais, foi entrevistado em sua oficina, no dia 22 de abril de 2024 em Pirapora. Carranqueiro 4 é natural do distrito de Santana do Sobrado, distrito da cidade de Casa Nova na Bahia e mudou-se para Pirapora com a mãe em 1975, após a morte do pai. Carranqueiro 4 começou a trabalhar como carpinteiro aos 15 anos, após ter se mudado para Pirapora foi que começou a trabalhar com Carrancas, como já era carpinteiro, a transição para a profissão de Carranqueiro foi simples. A entrevista de Carranqueiro 4 teve uma duração 47 minutos e 31 segundos.

O Carranqueiro 5 foi entrevistado em sua oficina em Pirapora dia 23 de abril de 2024. Carranqueiro 5 começou a fazer carranca aos 12 anos de idade, aproximadamente. A entrevista de Carranqueiro 5 teve duração de 42 minutos e 7 segundos.

Quadro 1 - Características dos Carranqueiros

Nome	Idade (iniciou o trabalho)	Tempo de Entrevista	Outra profissão
Carranqueira 1	8 anos	37min44s	Aposentada/o
Carranqueiro 2	10 anos	35min6s	
Carranqueiro 3	10 anos	40min3s	Sim, não especificada
Carranqueiro 4	15 anos (carpintaria)	47min31s	Carpinteira/o
Carranqueiro 5	12 anos	42min7s	

Fonte: Elaborada pelos autores (2025).

As entrevistas em profundidade com os Carranqueiros tiveram como objetivo compreender a história de vida dos Carranqueiros e o ciclo de vida das Carrancas. A Teoria Fundamentada (G*round Theory*) é a abordagem adequada quando o objetivo a o desenvolvimento de uma teoria baseada nos dados empíricos coletados, ou seja, não há hipóteses e o pesquisador permite que os dados guiem os resultados ao observar os padrões e a partir deles desenvolver uma explicação (McLeod, 2024).

McLeod (2024) ressalta que a Teoria Fundamentada (*Ground Theory*) é especialmente adequada para as experiências e observações empíricas, considerando que o objetivo da Teoria Fundamentada (*Ground Theory*) é gerar uma teoria de médio alcance que explique um fenômeno ou processo social. Nesta pesquisa, aplicamos a Teoria Fundamentada (*Ground Theory*) da corrente social construtivista (Brandão, 2020) buscando identificar padrões nos dados empíricos (entrevistas com Carranqueiros) que, posteriormente, nos leve ao desenvolvimento de uma teoria que ajude a compreender o ciclo de vida das Carrancas.

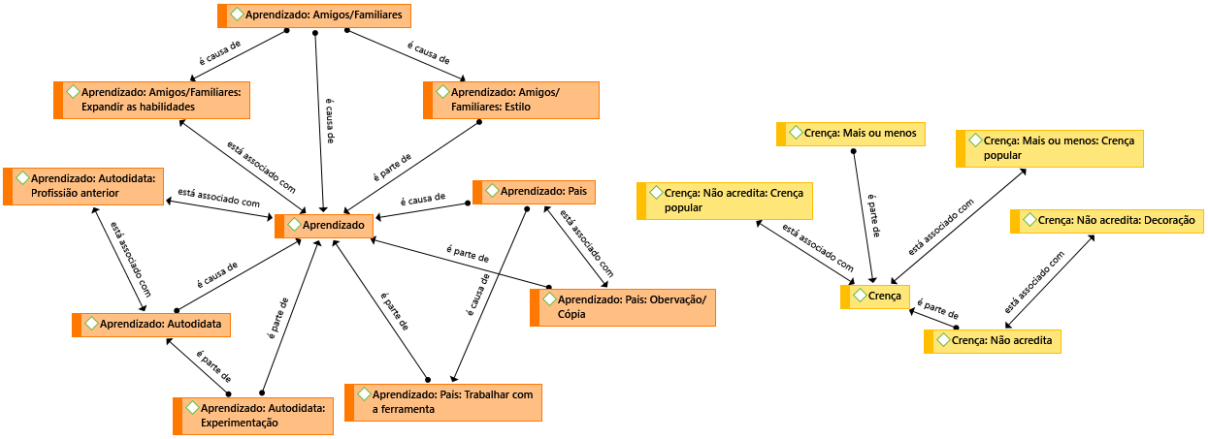
Seguindo os passos práticos apontados por McLeod (2024) para a execução da Teoria Fundamentada (*Ground Theory*) nesta pesquisa, 1) nós avaliamos nossa posição pessoal e conhecimento pré-existente a respeito das Carrancas e do ofício criativo de modo a evitar a existência prévia de suposições; e planejamos a pesquisa determinando a questão de pesquisa, como, onde e quem seriam os entrevistados. Em seguida, 2) selecionamos os participantes por meio de uma amostra por conveniência e 3) coletamos os dados por meio de entrevistas semiestruturadas com os Carranqueiros em suas casas ou atêlier. 4) o sistema de codificação dos dados foi aberto, com o uso do *Atlas.Ti*, essa etapa de codificação é essencial para dividir os dados em unidades menores de modo que seja possível observar os padrões que surgem. Em seguida, 5) a criação de memos é necessária para a reflexão sobre as contradições e convergência dos padrões; e, 6) a criação de categorias para conectar os códigos é necessária porque na codificação aberta ocorre a criação de códigos similares que podem ser unidos em um grupo. O processo de codificação foi repetido até que 7) novos códigos não fossem mais identificados, ocorrendo a saturação; 8) a codificação teórica e o desenvolvimento de um modelo é a última etapa antes da escrita da Teoria Fundamentada (*Ground Theory*), neste momento são explicados os relacionamentos encontrados nos dados, as conexões entre os códigos e categorias, com o auxílio de teorias existentes que atuam como guias.

3. Análise de Dados

A análise das entrevistas foi realizada com o auxílio do *software* Atlas.Ti por meio da leitura dos documentos e consequente identificação das redes de categorias. A primeira leitura

dos documentos resultou na identificação dos conceitos iniciais; a segunda leitura objetivou a identificação de um segundo nível de conceitos a partir do primeiro e a terceira leitura na identificação do terceiro nível de conceitos a partir do segundo nível, esse procedimento seguiu até que fossem esgotadas as possibilidades de identificar novos conceitos. Após esse procedimento, foram montadas as redes de conceitos.

Figura 1 - Redes de códigos: Aprendizado e Crenças



Fonte: Elaborado pelos autores a partir do Atlas.Ti/ (2025).

As categorias ‘Aprendizado’ e ‘Crenças’ são parte da macrocategoria ‘Infância e Formação Pessoal’ que aborda os primeiros contatos com a carranca e tradições locais. No geral, a entrevista de Carranqueira 1 teve 36 citações, a entrevista de Carranqueiro 2 teve 15 citações, a entrevista de Carranqueiro 4 teve 46 citações, a entrevista de Carranqueiro 3 teve 38 citações e a entrevista de Carranqueiro 5 teve 43 citações. O conceito ‘Aprendizado’ teve dez códigos relacionados a ele, considerando os três níveis de análise, o conceito ‘Crenças’ teve seis códigos também considerando os três níveis.

No que se refere à análise descritiva, a tabela código-documento 1 é referente ao código ‘Aprendizado’, que se desdobra nos três códigos de segundo nível: ‘Autodidata’, ‘Pais’ e ‘Amigos/Familiares’, indicando outros familiares que não os pais. No terceiro nível de codificação foram identificados os códigos ‘Experimentação’ e ‘Profissão Anterior’ que se derivam do código ‘Autodidata’; os códigos ‘Observação/Cópia’ e ‘Trabalhar com a Ferramenta’ que se derivam do código ‘Pais’ e os códigos ‘Estilo’ e ‘Expandir as Habilidades’ que derivam do código ‘Amigos/Familiares’. Totalizando, portanto, dez códigos. No código ‘Aprendizado’ e seus subcódigos foram identificadas 13 citações nas cinco entrevistas.

Tabela 1 - Tabela Código-Documento: Aprendizado

	Entrevista - Carranqueira 1 Gr=36	Entrevista - Carranqueiro 5 Gr=43	Entrevista - Carranqueiro 2 Gr=15	Entrevista - Carranqueiro 4 Gr=47	Entrevista - Carranqueiro 3 Gr=38	Total
● Aprendizado Gr=13	1	3	2	4	3	13
● Aprendizado: Amigos/Familiares Gr=2	0	1	0	0	1	2
● Aprendizado: Amigos/Familiares: Estilo	0	0	0	0	1	1

Gr=1						
● Aprendizado: Amigos/Familiares: Expandir as habilidades Gr=1	0	1	0	0	0	1
● Aprendizado: Autodidata Gr=5	0	0	0	3	2	5
● Aprendizado: Autodidata: Experimentação Gr=2	0	0	0	0	2	2
● Aprendizado: Autodidata: Profissão anterior Gr=3	0	0	0	3	0	3
● Aprendizado: Pais Gr=6	1	2	2	1	0	6
● Aprendizado: Pais: Obervação/Cópia Gr=5	1	2	2	0	0	5
● Aprendizado: Pais: Trabalhar com a ferramenta Gr=1	0	0	0	1	0	1
Total	3	9	6	12	9	39

Fonte: Elaborado pelos autores a partir do Atlas.Ti/ (2025).

Na entrevista de Carranqueira 1, foi identificada uma citação pertencente ao código ‘Aprendizado’, ao código de segundo nível ‘Pais’ e ao código de terceiro nível ‘Observação/Cópia’. Cabe apontar que na entrevista da carranqueira Carranqueira 1 foram identificadas 36 citações, sendo apenas uma referente ao código ‘Aprendizado’, ou seja, apenas 2,78% das citações da entrevista. Isso parece indicar ligeireza ao tratar do processo de aprendizado do ofício de Carranqueira, contudo, essa trivialidade parece ser atribuída ao fato de que a aprendizagem ocorreu de forma orgânica e natural e não porque o ‘Aprendizado’ seja insignificante no ciclo de vida da carranqueira.

Na entrevista de Carranqueiro 2 foram identificadas duas citações referentes ao código ‘Aprendizado’, ambas as citações pertencem ao código de segundo nível ‘Pais’ e ao código de terceiro nível ‘Observação/Cópia’. Essas citações representam 13,3% do total de 15 citações identificadas na entrevista de Carranqueiro 2. Dentre todos os Carranqueiros, Carranqueiro 2 possui o maior percentual de citações relacionadas ao ‘Aprendizado’ sugerindo que embora o processo de obtenção do conhecimento das Carrancas tenha sido similar ao de Carranqueira 1, aparentemente para Carranqueiro 2 esse processo foi marcante.

Na entrevista de Carranqueiro 5 foram identificadas três citações pertencentes ao código ‘Aprendizado’, duas citações pertencentes ao código de segundo nível ‘Pais’ e ao código de terceiro nível ‘Observação/Cópia’ e uma citação pertencente ao código de segundo nível ‘Amigos/Familiares’ e ao código de terceiro nível ‘Expandir as Habilidades’. Na entrevista de Carranqueiro 5, foram identificadas 43 citações com apenas três sendo pertencente ao código ‘Aprendizado’, representando 6,98% das citações. Assim como Carranqueira 1 e Carranqueiro 2, os pais de Carranqueiro 5 também eram Carranqueiros e ele aprendeu de modo similar aos anteriores, por meio da observação e cópia do que os pais faziam. Porém, os códigos ‘Amigos/Familiares’ e ‘Expandir as Habilidades’ indica que Carranqueiro 5 aspirou expandir o conhecimento que obteve com os pais e recorreu a outros familiares com mais conhecimentos

e habilidades, indicando que a comunidade, assim como os pais, desempenha um papel essencial na manutenção e aprimoramento do ofício manual.

Na entrevista de Carranqueiro 4 foram identificadas quatro citações referentes ao código 'Aprendizado', sendo três referentes ao subcódigo 'Autodidata' e ao código de terceiro nível, 'Profissão Anterior', e uma citação pertence aos subcódigos 'Pais' e 'Trabalhar com a Ferramenta'. Na entrevista de Carranqueiro 4 foram identificadas um total de 47 citações, sendo quatro citações referentes ao código 'Aprendizado', representando 8,51% do total. De modo similar aos Carranqueiros anteriores, Carranqueiro 4 aprendeu o ofício criativo com os pais, mas difere na profissão uma vez que o pai dele era carpinteiro. Carranqueiro 4 relatou que começou a trabalhar como carranqueiro após ser questionado por um carranqueiro se seria capaz de esculpir uma carranca. Sua experiência prévia com madeira e ferramentas foi essencial nesse processo. Esse relato reforça a importância da comunidade de Carranqueiros para a manutenção do ofício.

Na entrevista de Carranqueiro 3 foram identificadas três citações pertencentes ao código 'Aprendizado' sendo uma citação pertencente aos subcódigos 'Amigos/Familiares' e 'Estilo'; e duas citações ao código de segundo nível 'Autodidata' e ao código de terceiro nível 'Experimentação'. Na entrevista de Carranqueiro 3 foram identificadas 38 citações, sendo três referentes ao código Aprendizado, isso representa 7,89% do total. Ao contrário dos demais Carranqueiros, Carranqueiro 3 aprendeu a esculpir a madeira sozinho, levado exclusivamente pela curiosidade, mesmo motivo que o levou a experimentar a esculpir as Carrancas. Esse episódio reafirma o papel central desempenhado pela comunidade. Embora Carranqueiro 3 tenha aprendido sozinho o ofício de carranqueiro, ele se inspirou nas Carrancas que encontrou na região.

Nota-se que o subcódigo 'Pais' seguido pelo subcódigo 'Autodidata' são os que têm maior relevância quando se trata do aprendizado do ofício de carranqueiro uma vez que dentre as 13 citações de 'Aprendizado', seis são referentes aos 'Pais' e cinco à 'Autodidata'. Isso nos leva a suposição de que as origens e a família, assim como a comunidade, são os aspectos mais importantes na determinação do aprendizado do ofício manual e na decisão de segui-lo como profissão. É relevante apontar também que dentro do subcódigo 'Autodidata', o código de terceiro nível mais citado é o 'Profissão Anterior', ou seja, alguns dos artesãos, antes de se tornarem Carranqueiros já trabalhavam com madeira/carpintaria indicando que para os artesãos que não aprenderam o ofício com os pais desde a infância, a familiaridade com a matéria-prima e as ferramentas são elementos fundamentais para o trabalho com as Carrancas, além do contato com a comunidade de Carranqueiros.

Adicionalmente, dentro das cinco entrevistas foram identificadas, no total, 179 citações, sendo 13 citações pertencentes ao código Aprendizado, representando 7,26% do total.

A tabela código-documento 2 é referente ao código 'Crenças', que é relativo ao fato de os Carranqueiros acreditarem ou não que as Carrancas atuam protegendo os barcos durante a navegação. Esse código se desdobra em dois códigos de segundo nível: 'Não Acredita' e 'Mais ou Menos', indicando que nenhum dos Carranqueiros acredita que a carranca tenha poderes, embora um deles tenha respondido mais ou menos quando questionado a respeito da fé nas Carrancas. No terceiro nível de codificação foram identificados o código 'Crença Popular' que se deriva do código 'Mais ou Menos' e os códigos 'Crença Popular' e 'Decoração' que se derivam do código 'Não Acredita', isso indica que para os Carranqueiros o misticismo em torno das Carrancas é uma lenda, repassada como crença popular e cuja função atual das Carrancas é apenas para decorar o ambiente. Totalizando, portanto, seis códigos. No código 'Crenças' e seus subcódigos foram identificadas sete citações nas cinco entrevistas.

Tabela 2 - Tabela Código-Documento: Crenças

	Entrevista - Carranqueira 1 Gr=36	Entrevista - Carranqueiro 5 Gr=43	Entrevista - Carranqueiro 2 Gr=15	Entrevista - Carranqueiro 4 Gr=47	Entrevista - Carranqueiro 3 Gr=38	Total
● Crença Gr=7	1	3	1	1	1	7
● Crença: Mais ou menos Gr=1	0	0	0	0	1	1
● Crença: Mais ou menos: Crença popular Gr=1	0	0	0	0	1	1
● Crença: Não acredita Gr=6	1	3	1	1	0	6
● Crença: Não acredita: Crença popular Gr=3	0	1	1	1	0	3
● Crença: Não acredita: Decoração Gr=2	1	2	0	0	0	3
Total	3	9	3	3	3	21

Fonte: Elaborado pelos autores a partir do Atlas.Ti/ (2025).

Na entrevista de Carranqueira 1 foi identificada uma citação pertencente ao código ‘Crenças’, ao código de segundo nível ‘Não Acredita’ e ao código de terceiro nível ‘Decoração’. Cabe apontar que na entrevista da carranqueira Carranqueira 1 foram identificadas 36 citações, sendo apenas uma referente ao código ‘Crenças’, ou seja, apenas 2,78% das citações da entrevista. Isso nos leva a conclusão de que para Carranqueira 1 as Carrancas são objetos de decoração e a uma forma de complementar a renda.

Na entrevista de Carranqueiro 2 foi identificada uma citação referente ao código ‘Crenças’, ao código de segundo nível ‘Não Acredita’ e ao código de terceiro nível ‘Crença Popular’. Essa citação representa 6,67% do total de 15 citações identificadas na entrevista de Carranqueiro 2. Similarmente, na entrevista de Carranqueiro 4 foi identificada uma citação referente ao código ‘Crenças’, ao código de segundo nível ‘Não Acredita’ e ao código de terceiro nível ‘Crença Popular’. Essa citação representa 2,13% do total de citações da entrevista de Carranqueiro 4. Podemos supor que embora Carranqueiro 2 e Carranqueiro 4 não acreditem nos poderes místicos das Carrancas, eles reconhecem a existência de uma crença popular na capacidade de proteção delas. Ademais, é possível inferir um respeito demonstrado pelos Carranqueiros em relação àqueles que acreditam nos poderes sobrenaturais das Carrancas, como indicado por Carranqueiro 2 quando diz “Ele [pai] falava, eu particularmente não. Ele falava isso, mas a crença do povo, aquela ali não poderia deixar de ser considerada.”

Na entrevista de Carranqueiro 3 foi identificada uma citação pertencente ao código ‘Crenças’, ao código de segundo nível ‘Mais ou Menos’ e ao código de terceiro nível ‘Crença Popular’. Na entrevista de Carranqueiro 3 foram identificadas 38 citações, sendo uma referente ao código ‘Crenças’, isso representa 2,63% do total. Carranqueiro 3 foi o único carranqueiro que respondeu mais ou menos ao ser questionado sobre a crença nos poderes sobrenaturais das Carrancas, contudo, não forneceu detalhes nem desenvolveu a resposta o que poderia indicar que em alguma medida, ou até mesmo inconscientemente, ele acredita que as Carrancas tenham algum efeito sobrenatural.

Na entrevista de Carranqueiro 5 foram identificados três citações pertencentes ao código ‘Crenças’ e ao código de segundo nível ‘Não Acredita’, duas das citações pertencem ao código de terceiro nível ‘Decoração’ e uma citação pertencente ao código de terceiro nível ‘Crença Popular’. Na entrevista de Carranqueiro 5, foram identificadas 43 citações com apenas três sendo pertencente ao código ‘Crenças’, representando 6,98% das citações. A entrevista de Carranqueiro 5 foi a única em que foi possível identificar mais de uma citação referente ao código ‘Crenças’. Carranqueiro 5 não acredita que as Carrancas tenham algum poder, para ele as Carrancas desempenham o função de objeto decorativo e atribui a lenda de que as Carrancas protegeriam os barqueiros e as cargas à crença poular.

O código ‘Crenças’ é referente a crença ou não dos Carranqueiros nos poderes místicos das Carrancas de proteger contra os maus espirítos e outros perigos durante a navegação nos rios. Nota-se que o subcódigo ‘Não Acredita’ têm maior relevância quando se trata da ‘Crença’ dos Carranqueiros uma vez que concentra seis dentre as sete citações, indicando que os Carranqueiros que exercem o ofício atualmente, não acreditam que as Carrancas tenham sobrenaturais e continuam a produzi-las como artigos culturais e de decoração. Podemos supor que a ausência de crença se deve ao fato da maioria desses Carranqueiros terem aprendido a esculpir durante a infância, observando os pais esculpir, e considerando que os filhos tendem a herdar as supertições e crenças religiosas dos pais, então se eles não criam, os filhos também não creriam.

Outra possível razão para a ausência de crença pode estar ligada ao fato de que o misticismo das Carrancas está ligado aos poderes dela durante a navegação, protegendo dos perigos das águas do São Francisco, esses artesãos nunca foram barqueiros, portanto, nunca precisaram da proteção das Carrancas. Ademais, o auge das Carrancas do São Francisco como figura de proa com a função de proteção foi de curta duração, em seguida tornaram-se objeto de decoração, portanto, não houve tempo para que o misticismo das Carrancas se enraizasse na cultura e subconsciente da população barranqueira de modo geral.

Adicionalmente, dentro das cinco entrevistas foram identificadas, no total, 179 citações, sendo sete citações pertencentes ao código Crenças, representando 3,91% do total.

4. Carranqueiros: o organizar entre o aprender e o crer

4.1 Aprendizado

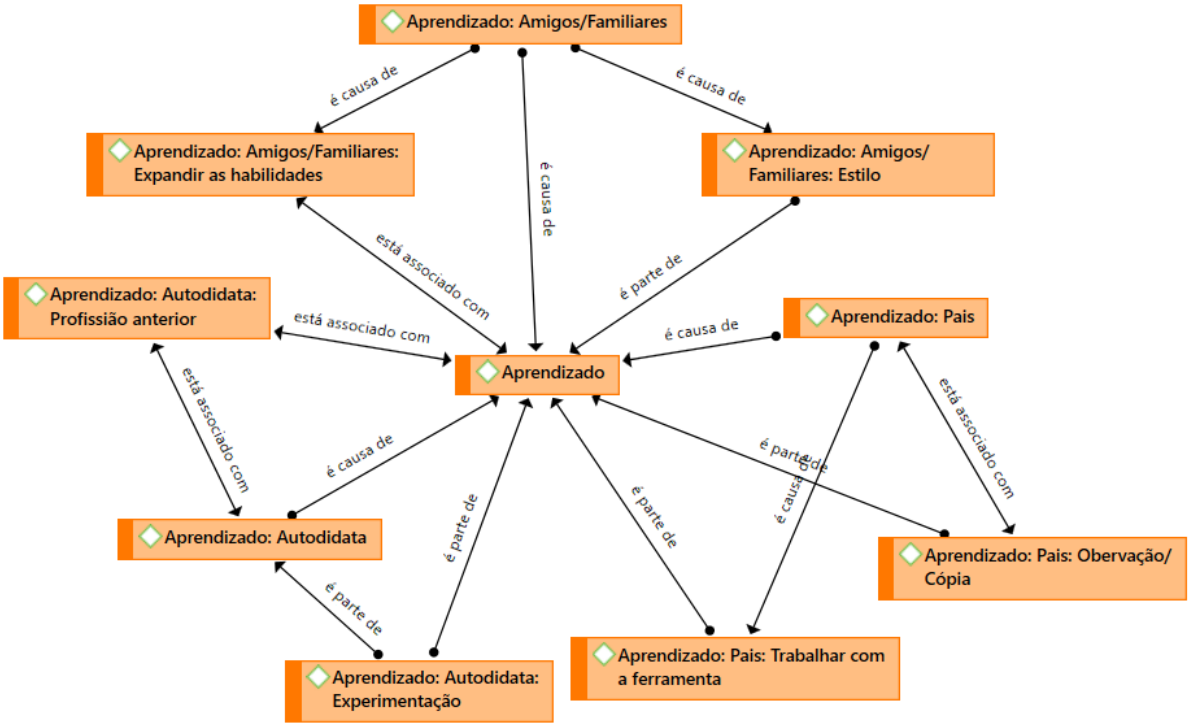
Conforme foi indicado anteriormente, o código Aprendizado derivou os códigos de segundo nível: Amigos/Familiares, Pais e Autodidata, que consequentemente originaram os códigos de terceiro nível: Expandir as habilidades, Estilo, Observação/Cópia, Trabalhar com a ferramenta, Experimentação e Profissão anterior. Essa rede de códigos, assim como as relações entre eles está apresentada na Figura 2.

O código Amigos/Familiares é causa que determinou o estilo de carranca dos entrevistados, é a causa do aprendizado dos Carranqueiros assim como é o responsável pela expansão das habilidades, o que consequentemente está associado ao aprendizado.

Os Pais também são a causa do aprendizado do ofício e do aprendizado no uso das ferramentas, esse último também é parte do aprendizado. Ao mesmo tempo, os Pais estão associados à observação/cópia dos Carranqueiros, que é parte do aprendizado.

A experimentação é parte do aprendizado e de ser um Autodidata, o que por sua vez é parte do aprendizado e está associado à profissão anterior, que por sua vez está associado com o aprendizado do ofício de carranqueiro, recordando que o único carranqueiro que iniciou nas Carrancas tardiamente era um carpinteiro, em outras palavras, sabia trabalhar com as ferramentas e a matéria-prima.

Figura 2 - Rede do código Aprendizado



Fonte: Elaborado pelos autores a partir do Atlas.Ti/ (2025).

Nos códigos relativos ao Aprendizado, as entrevistas revelam que os Carranqueiros iniciaram o aprendizado do ofício com a idade média de 11 anos, isso é consistente com o fato de que todos eles tiveram contato com a matéria-prima e as ferramentas para esculpir desde a infância, somando-se a isso o fato de que a maioria dos Carranqueiros aprenderam o ofício com os pais, isso indica um aprendizado precoce, informal, lúdico e integrado à vida diária, conforme os trechos abaixo:

> *"Desde pequena. Com oito anos eu lembro que eu fazia. Oito anos de idade que eu lembro, mais ou menos. Mas toda vida vi eles fazendo. Aprendi a fazer de toá. É uma pedra sabão. Aí depois que eu passei para madeira. É molinha, né? Uma pedra bem molinha, tipo gesso. E aprendi a fazer assim."* (Carranqueira 1)

> *"Meus pais... Primeiro, eles trabalhavam em casa, né? Porque não tinha esse galpão. Aí era normal. Aí, quando fez o galpão aqui, assim, eu tinha uns 7 anos, 8. Aí, ela... eu... eles me... me traziam para cá, né? Aí, eles ficavam fazendo aqui. E a gente ia perto, né? Às vezes... Às vezes, ajudava eles a fazer, né? Às vezes, ficava até amarrado neles, né? Minha mãe me amarrava nela, pra mim não... E aí, foi, a gente foi crescendo. Eu e meu irmão, né? Aqui. E os vizinhos também, né? Porque tinha outro... Tinha mais* Carranqueiros *aqui, né? Então, era dessa forma. A gente tinha que ir brincando, fazendo... Né? Brincando. E aprendendo também, né? [...] tipo assim, meu pai, ele fazia um lado, esse lado aqui, né? Esse lado ele falava pra mim fazer, pra mim copiar, né? Aí eu pegava e ficava tentando copiar. Aí, quando ficava torto, ele*

> *ia arrumar, quando eu fazia diferente, ele vinha e dava um jeitinho. E aí a gente foi aperfeiçoando, né? Até eu conseguir fazer sozinho."* (Carranqueiro 5)

> *"[...] eu ali por volta de 10 anos de idade, eu já estava ali ajudando meu pai, ele naquele entusiasmo jovem ainda e tudo, e o menino, ele já esculpindo e tudo, recebendo reportagens e tudo, de gente do mundo todo, lá na casa da minha mãe, na casa dele na época, hoje é só minha mãe, eu via pessoas vindo de todas as partes do mundo para querer conhecer o Mestre Davi, para querer saber como é que ele fazia para conhecer a oficina dele, conhecer os trabalhos, comprar os trabalhos dele. Então, a minha história com as* Carrancas *foi assim. E, nesse intermédio, eu ajudava meu pai também. Ele me ensinou como é que fazia, como é que dava o acabamento, como é que lixava, como é que pintava. Então, eu era o ajudante."* (Carranqueiro 2)

Dentre os cinco Carranqueiros entrevistados, três deles aprenderam ofício a partir dos pais, um deles antes de iniciar o ofício de carranqueiro, havia aprendido a esculpir em madeira com o pai que era carpinteiro, contudo, o relato de Carranqueiro 3 destoa dos demais porque ele é um autodidata que aprendeu a esculpir a madeira sozinho e foi progredindo até o trabalho com Carrancas, conforme relato a seguir.

> *"Eu não tive uma pessoa para me ensinar, não. Eu sempre pegava as ferramentas e fui fazendo. Entalhando outras coisas. Meu pai tinha bastante ferramenta, então eu ficava ali entalhando alguma coisa e tal. E não tive uma pessoa para me ensinar, não. Foi mais eu mesmo fazendo. Observação e vontade também. Acho que você tem que ter essa vontade. Muitas vezes você acha que aquilo é interessante e vai fazer, e aí você já chega a um ponto que você já vê que não é bem aquilo. E quando você já tem mesmo assim, você sozinho mesmo já vai fazendo alguma coisa. E eu sempre esculpi. Aí depois que começou a surgir as* Carrancas*, eu comecei fazendo."* (Carranqueiro 3)

Ainda em relação ao Aprendizado, nas entrevistas também se observa a socialização e a formação social e cultural de todos os Carranqueiros vinculados ao Rio São Francisco tanto pela família quanto pela comunidade de Carranqueiros, mesmo para aqueles cujos pais não trabalhavam com Carrancas e que não é originário de Pirapora, conforme é visível pelos relatos abaixo.

> *"Eu sou natural de Santana do Sobrado, município de Casanova a margem do rio São Francisco. Sou filho de um carpinteiro que construía lancha, embarcação e daí que eu comecei a trabalhar com as ferramentas. Peguei prática de infância. Aí comecei a fazer meus brinquedos, entendeu? Daí surgiu, fui trabalhando de ajudante para o meu pai e meu irmão. E aí, aos 15 anos, comecei a trabalhar com a ferramenta como carpinteiro. Aí fui trabalhando, fazendo pintura, as lanchas que eram construídas. Eu trabalhava na área de pintura também. E aí eu continuei fazendo os trabalhos, peguei prática como carpinteiro. Aí, em 1975, o meu pai já tinha falecido, minha mãe tem os parentes aqui em Pirapora, em São Paulo, e falou, depois da*

> *Barragem de Sobradinho, ela resolveu vir morar em Pirapora [...] E aí eu devidamente conversei com o Dedéco. ele me viu passando com as ferramentas, ele me convidou para mim fazer carranca. Ele arrumou a primeira madeira e já tinha os* Carranqueiros. *Eles moravam no bairro Aparecida e comecei trabalhando. Aí continuei fazendo as* Carrancas *para ele."* (Carranqueiro 4)

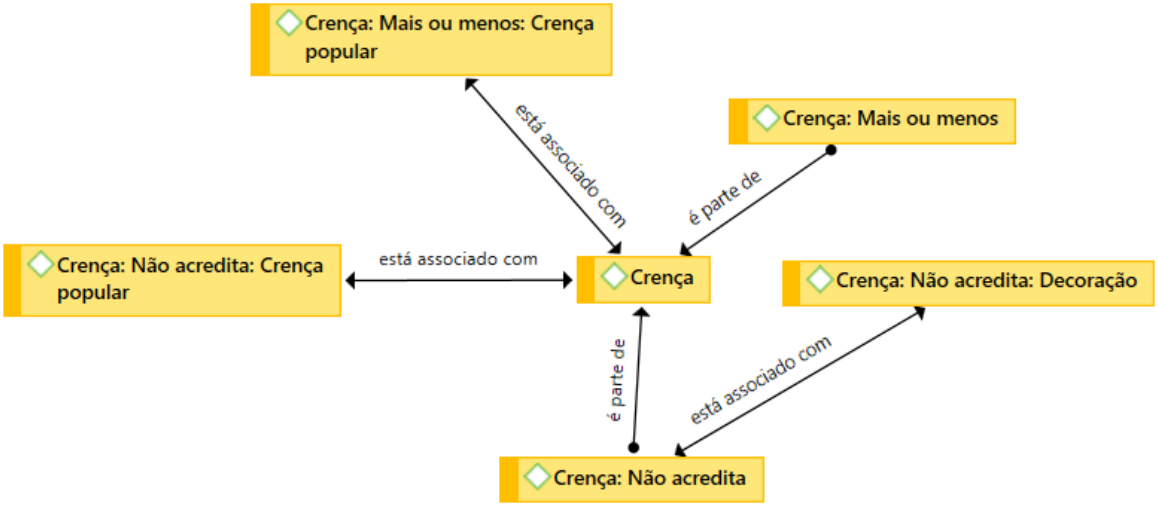
> *"Meu pai era vaposeiro, marinheiro da companhia de navegação. Então, é aquela coisa aí no Rio, né? Tem muita história, né? Mas é muita mesmo, não dá nem pra contar assim. Uma história normal pra mim, assim. Eu não tive uma pessoa para me ensinar, não. Eu sempre pegava as ferramentas e fui fazendo. Entalhando outras coisas. Meu pai tinha bastante ferramenta, então eu ficava ali entalhando alguma coisa e tal. E não tive uma pessoa para me ensinar, não. Foi mais eu mesmo fazendo. Observação e vontade também. Acho que você tem que ter essa vontade. Muitas vezes você acha que aquilo é interessante e vai fazer, e aí você já chega a um ponto que você já vê que não é bem aquilo. E quando você já tem mesmo assim, você sozinho mesmo já vai fazendo alguma coisa. E eu sempre esculpi. Aí depois que começou a surgir as* Carrancas*, eu comecei fazendo."* (Carranqueiro 3)

Os aprendizados, profundamente e complexamente vinculados ao existir e ao resistir nos territórios marcados pela Economia Criativa, tem conexão intrínseca com as dimensões das crenças, do mundo mágico e imaterial que atravessa o organizar dos Carranqueiros, conforme será apresentado e discutido no tópico subsequente.

4.2 Crenças

O código Crenças derivou os códigos de segundo nível: Mais ou Menos e Não Acredita, que consequentemente geraram os códigos de terceiro nível: Decoração e Crença Popular. Os códigos Mais ou Menos e Não Acredita são parte da Crença, enquanto o código Crença Popular está associado à Crença e o código Decoração está associado com Não Acredita.

Figura 3 - Rede do código Crença



Fonte: Elaborado pelos autores a partir do Atlas.Ti/ (2025).

Em relação ao código Crenças, os Carranqueiros demonstram familiaridade e sem estranhamento a respeito de suas características antropomórficas, isso pode ser atribuído ao fato de que desde a infância tinham contato com essa arte e testemunharam o esculpimento das peças, conforme demonstra o relato de Carranqueiro 2:

> *"Olha, medo eu não tinha, não. Eu achava assim curioso, porque era uma figura diferente. Era uma figura diferente, que não era gente, não era bicho, era uma mistura de gente. Por isso que fala que era uma figura antropomorfa, que é uma mistura de gente com bicho, com animal. Então sempre eu via a carranca assim como uma coisa bem natural, porque já era familiar para mim."* (Carranqueiro 2)

No que se refere às Crenças dos Carranqueiros, é unânime a descrença em seu poder de proteção. Os Carranqueiros trabalham vêm o ofício como um trabalho, uma arte, uma complementação da renda e manutenção das tradições do Rio São Francisco, sem, contudo, identificar na carranca um poder sobrenatural, conforme os relatos a seguir.

> *"Sim. Dizem que espanta os maus espíritos, né? Antigamente o pessoal acreditava, mas eu acho que hoje em dia o pessoal compra mais por decoração mesmo, entendeu? E você acredita? Não (risos)."* (Carranqueira 1)

> *"Agora a história mesmo, certa mesmo, é que eu sei, só disso, que eles usavam nos barcos como decoração e também para afugentar, né? Pra quem acredita, né? [...] carranca, eu não importo deixar ela jogada, deitada. Agora, quando eu faço uma imagem de Nossa Senhora Aparecida, ou santo, aí eu já não consigo deitar, jogar no chão, não consigo deixar virado de... Entendeu?*" (Carranqueiro 5)

> *"O pessoal fala, né? O pessoal fala. Mas é aquele negócio, tem uns que acreditam, outros não. Mais ou menos, eu acredito mais ou menos. Não sou muito assim de... Tem umas histórias aí, mas está valendo."* (Carranqueiro 3)

> *"Não, sobre a imagem não."* (Carranqueiro 4)

> *"Ele falava, eu particularmente não. Ele falava isso, mas a crença do povo, aquela ali não poderia deixar de ser considerada. E qual o modelo de carranca para as embarcações? Um modelo basicamente este aqui, uma carranca nesse ângulo, projetada para frente, diz que era para espantar os maus espíritos. Ele sempre falava o seguinte, que as* Carrancas *eram tradição dos vikings, na época das guerras e tudo, colocava aqueles dragões em frente às embarcações para ajudá-los nas guerras e tudo mais, nos combates que tinha. Mas aqui para nós era para espantar os maus espíritos. E muita gente ainda acredita que realmente espantava os maus espíritos.*" (Carranqueiro 2)

A fala de Carranqueiro 2 demonstra respeito e reconhecimento pela crença do povo,

ainda que não seja a mesma crença dele, indicando tolerância, respeito e conhecimento histórico e cultural como valores inquestionáveis.

5. Considerações Finais

O presente artigo, dentro de uma agenda de pesquisa sobre formas de organizar dentro da Economia Criativa, buscou investigar a fase inicial do ciclo de vida do organizar dos Carranqueiros de Pirapora-MG, com foco na infância e formação pessoal. A partir de entrevistas em profundidade com cinco artesãos, utilizando a Teoria Fundamentada (*Ground Theory*) e o Método de História Oral, foram identificados padrões significativos que contribuem para a compreensão do ofício criativo e sua relação com a trajetória de vida dos Carranqueiros.

Primeiro, o aprendizado do ofício ocorre por meio da transmissão familiar e comunitária. Todos os Carranqueiros iniciaram o aprendizado na infância e início da adolescência, entre 8 e 15 anos, por meio de um processo lúdico e natural integrado à vida diária. Esse aprendizado ocorreu por meio da observação e imitação dos pais, demonstrando a importância da transmissão familiar do conhecimento. Nos casos em que os pais não eram Carranqueiros, o aprendizado ocorreu por meio da experimentação autodidata e facilitado pelas habilidades já existentes (carpintaria) em contato com a comunidade de Carranqueiros. Além do aprendizado, a comunidade dos Carranqueiros também foi fundamental no aprimoramento das técnicas, evidenciando a existência de uma rede de saberes compartilhados.

Segundo, a crença e o significado das Carrancas não é estático, mas sim ressignificado com as mudanças sociais, políticas, econômicas, culturais e de interação com o meio ambiente ao longo do existir e resistir de Carranqueiros anteriores e desses Carranqueiros do presente. Apesar do valor histórico das Carrancas como protetora das embarcações, os Carranqueiros atuais não acreditam nos poderes místicos das peças que produzem. As Carrancas atualmente são vistas como objetos de decoração e expressão artística da cultura e história barranqueira, ainda que os artesãos reconheçam e respeitem a crença popular em seu poder. Essa ressignificação das Carrancas parece estar relacionada à mudança da função original (proteção durante a navegação) à comercialização como objetos culturais e turísticos.

Terceiro, o contexto social e cultural dos Carranqueiros está profundamente ligado ao Rio São Francisco como elemento fundamental da identidade dos Carranqueiros. Todos os artesãos estão ligados à cultura barranqueira e ao Rio, seja por meio da família, da comunidade e até mesmo os que não nasceram em Pirapora-MG tiveram suas trajetórias influenciadas pela mudança para a região, o que demonstra o caráter acolhedor da cultura.

Em resumo, os resultados da pesquisa apontam a importância da família e da comunidade para a sobrevivência do ofício de carrranqueiro. Demonstra também a mudança dos significados das Carrancas com o tempo e a necessidade de políticas públicas capazes de valorizar a produção artesanal, os saberes tradicionais e os laços comunitários.

Este primeiro artigo oferece uma base para se entender como a história de vida dos Carranqueiros se entrelaça com sua forma de organização dentro da chamada Economia Criativa, destacando a interdependência entre cultura, identidade e economia. Espera-se que o presente artigo possa inspirar novas investigações que tragam visões críticas e complexas sobre a existência e resistência de diferentes formas de organizar nos territórios que abrigam múltiplas manifestações da chamada Economia Criativa. Esses estudos são urgentes e necessários, sobretudo quando se considera dinâmicas, discursos e lutas sociopolíticas que tentam significar a Economia Criativa a partir de formas tradicionais, economicistas, fundadas no gerencialismo e no *mainstream* do pensamento econômico (concepções econômicas tradicionais e neoliberais) como formas únicas de existência e sobrevivência nos territórios.

Agradecimentos: Agradecemos à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG) pelo financiamento desta pesquisa.

Referências

ALMEIDA, Emmanuelle, L.; DIAS, Pâmela, K.; SANTOS, Elisabeth, C. Desafios de empreendedoras na Economia Criativa periférica: um olhar interseccional. **Revista Pensamento Contemporâneo em Administração**, v. 15, n. 1, p. 122-146, 2021. DOI: https://doi.org/10.12712/rpca.v15i1.47233

ARAGÃO, Gabriela, C. N.; ARAGÃO, Iury. Folkcomunicação: Uma Análise da Produção de Carrancas como Instrumento de Manifestação Folkcomunicacional no Vale do São Francisco. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. **XXII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste** – Salvador - BA – 18 a 20/05/2022. Disponível em: 0409202222432562520c0d80090.pdf

BRANDÃO, José, A. S. A abordagem da *Grounded Theory* como alternativa metodológica qualitativa para pesquisas em Ciência Política. **Revista Política Hoje**, v. 29, n. 1, p. 161-196, 2020.

BRASIL, Vanessa, M. Escultura popular do médio São Francisco - As Carrancas no cotidiano ribeirinho. **Revista Múltipla**, v. 17, n. 9, p. 75-84, 2004. Disponível em: *multipla17.pdf

CBHSF. **A Bacia**. 2025. Disponível em: A Bacia - CBHSF: CBHSF – Comitê da Bacia Hidrográfica do Rio São Francisco

CORTES, Karem, C. O.; VIEIRA, Mayara, S. S. Memórias do Mestre Guarany e os Carranqueiros de Santa Maria da Vitória-BA. **XV ENECULT - Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura** – Salvador - BA – 01 a 03/08/2019. Disponível em: 112319.pdf

DANTAS, Amaury de, O. **O olho místico da cabeça de proa**. 2024. 17f. Monografia (Graduação em Licenciatura em Ciências das Religiões) - Universidade Federal da Paraíba (UFPA), João Pessoa, 2024. Disponível em: *AOD26112024.pdf

DAVID, Priscila. História oral: metodologia do diálogo. **Revista Patrimônio e Memória**, v. 9, n. 1, p. 157-170, 2013. Disponível em: (Microsoft Word - Hist\363ria Oral Metodologia do Di\341logo)

GHEDIN, Evandro. Hermenêutica e pesquisa em educação: caminhos da investigação interpretativa. **II Seminário Internacional de Pesquisa e Estudos Qualitativos - SIPEQ**. Anais [...], 2004. Disponível em: *HERMENÊUTICA E PESQUISA EM EDUCAÇÃO: CAMINHOS DA INVESTIGAÇÃO INTERPRETATIVA

IBGE. **Cidades e Estados: Pirapora-MG.** 2022. Disponível em: Pirapora (MG) | Cidades e Estados | IBGE

JESUS, Diego, S. V. Necropolitics and Necrocapitalism: The Impact of COVID-19 on Brazilian Creative Economy. **Modern Economy**, n. 11, p. 1121-1140, 2020. DOI: https://doi.org/10.4236/me.2020.116082

JESUS, Maria, C. P. de; PEIXOTO, Marisa, R. B.; CUNHA, Mércia, H. F. O paradigma hermenêutico como fundamentação das pesquisas etnográficas e fenomenológicas. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, v. 6, n. 2, p. 29-35, 1998. Disponível em: *abril98

MAMMÌ, Lorenzo. IMS/RJ - Exposição: "A Viagem das Carrancas" | Curadoria: Lorenzo Mammì (08 dez 2015) Acesso em: 04 mai. 2025.

NAGAO, Letícia, M.; PINHEIRO, Cristiano, M. P.; SCARPATO, Lenice, L.; KLAUCK, Fernanda,; ASSUMPÇÃO, Douglas, J. F. Revisão bibliométrica acerca de negócios em setores criativos. **VI Colóquio Interprogramas Secomunica**, Brasília, 28 de maio de 2021. Disponível em: Vista do REVISÃO BIBLIOMÉTRICA ACERCA DE NEGÓCIOS EM SETORES CRIATIVOS

MCLEOD, Saul. *Grounded Theory* in qualitative research: a practical guide. **Simply Psychology**, 2024. Disponível em: *Grounded Theory* In Qualitative Research: A Practical Guide

PARDAL, Paulo. Carrancas do São Francisco e figuras de proa de outros rios. **Revista Navigator**, n. 11, p. 25-30, 1975. Disponível em Vista do Carrancas do São Francisco e figuras de proa de outros rios

PAULA, Viviane, S.; SHEEN, Antonio, E. C. Economia Criativa, sustentabilidade e impacto social. **Revista de Estudos Interdisciplinares**, v. 7, n. 1, p. 1-16, 2025. DOI: https://doi.org/10.56579/rei.v7i1.1648

PREFEITURA DE PIRAPORA. **História**. 2025. Disponível em: História - Prefeitura de Pirapora

SANTOS, Joice, C. P. Cultura e arte popular: Processos subjetivos dos Carranqueiros de Pirapora-MG. **Pretextos - Revista da Graduação em Psicologia da PUC Minas**, v. 1, n. 1, p. 142-156, 2016. Disponível em: Vista do CULTURA E ARTE POPULAR: PROCESSOS SUBJETIVOS DOS CARRANQUEIROS DE PIRAPORA-MG

SILVA Jr., Luiz, S. Carranca vampira: A vitória da estética mercadológica. **IX EHA - Encontro de História da Arte**. Anais [...], p. 214-222, 2013. Disponível em: *Luiz Severino da Silva Jr..pdf

SPINDOLA, Thelma; SANTOS, Rosângela, S. Trabalhando com a história de vida: percalços de uma pesquisa(dora?) **Revista Esc. Enfermagem USP**, v. 37, n. 2, p. 119-126, 2003. Disponível em: *Untitled-14